

MECANISMOS ENUNCIATIVOS E ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NO PROCESSO DA RE(CONSTRUÇÃO) DO *ETHOS*: DILMA NO MAIS VOCÊ - “DA FAMA DE DURONA” À “MULHER SENSÍVEL”

Maria Alzira Leite¹

RESUMO: Partindo de uma perspectiva sociointeracionista de constituição dos discursos, este artigo propõe um estudo metodológico ancorado em categorias linguístico-textuais-discursivas, para examinar os mecanismos enunciativos, os procedimentos metadiscursivos e as estratégias discursivas no processo de re(construção) do *ethos*. Na análise empreendida, verifica-se que a imagem da presidente Dilma Rousseff, construída numa situação enunciativa particular, sofre (re)definição no e pelo discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Mecanismos enunciativos; Metadiscursividade; *Ethos*.

ABSTRACT: Starting from a sociointeractionist point of view of discourse constitution, this paper offers a methodological study anchored in linguistic-discursive categories, to examine the enunciative mechanisms, the metadiscourse procedures and, the discursive strategies in the *ethos* re(construction) process. In the undertaken analysis, we verify that the image of President Dilma Rousseff, built in a particular enunciative situation, suffered redefinition in and through the discourse.

KEYWORD: Enunciative mechanisms. Metadiscursivity. *Ethos*.

Considerações Iniciais

O estudo que aqui se apresenta integra parte das reflexões em torno de uma abordagem metodológica que privilegia categorias linguístico-discursivas nas formas de enunciar nas diferentes situações de interação.

O pressuposto maior, aqui, é o de que, nos modos de dizer, é possível descrever e mapear movimentos discursivos que denunciam a manifestação dos papéis sociais e institucionais.

Nessa linha, esta pesquisa tem como objetivo analisar os efeitos das propriedades enunciativas, discursivas e linguísticas na constituição do *ethos*, presentes na entrevista de Dilma Rousseff, no programa “Mais Você”, veiculado pela emissora de televisão Rede Globo, na semana em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, em 2011.

¹ Graduada em Letras (UNI-BH) / Especialista em Psicopedagogia (IEC – PUC Minas) / Mestre em Língua Portuguesa e Linguística (PUC Minas) / Doutora em Linguística e Língua Portuguesa – PUCMINAS – Brasil mariaalzira35@gmail.com

Do ponto de vista adotado, três aspectos se mostraram de extrema relevância para este estudo: i) os mecanismos enunciativos, ii) os procedimentos metadiscursivos e iii) o processo de construção de *ethos*.

Julgo pertinente destacar que, a opção por analisar esses três aspectos se justifica por acreditar que, primeiramente, os mecanismos enunciativos nos permitem compreender tanto os posicionamentos da entrevistada, quanto as relações que esta estabelece com a entrevistadora e, ainda, como diferentes vozes podem perpassar os discursos de ambas. Nesse contexto, tem-se a possibilidade de examinar os procedimentos discursivos que a mídia realiza em instâncias enunciativas para trazer à cena, enunciadores e enunciatários co-construídos.

Trata-se, então, de considerar o modo como a entrevistada agencia os recursos linguísticos e discursivos, operando com seu próprio dizer e com o dizer daqueles com os quais ela dialoga – entrevistadora e público –, para efeito de argumentação e fundamentação.

Nesse quadro, entende-se que o estudo dos mecanismos enunciativos nos fornece pistas do processo de construção de um *ethos* construído no processo interacional.

Já em relação ao estudo com os procedimentos metadiscursivos, compreende-se que estes focalizam o exercício da linguagem, como autorreflexividade do próprio dizer, para referenciar o próprio fazer, no âmbito da atividade enunciativa (JUBRAN, 2000). É neste ponto que se destaca uma abordagem ligada ao *ethos*. Ao dizer “algo”, enquanto forma de “autorrepresentação do dizer” (AUTHIER-REVUZ, 1998), emerge uma determinada imagem nos modos de enunciar. Há, assim, uma representação² que perpassa o discurso, que possui uma forma significativa ao que é dito. Dessa forma, não se privilegia simplesmente o conteúdo desse dizer, mas, também, a imagem construída e o sentido que se pretende dar a ela.

Para um quadro metodológico de análise, esclarece-se que os mecanismos enunciativos e os procedimentos metadiscursivos são aqui interpretados como ações/operações implicadas no agenciamento de vozes e na assunção de posições discursivas, inscritas na tessitura discursiva do texto com vistas à projeção de um *ethos*. A adoção desse procedimento metodológico justifica a hipótese segundo a qual, na superfície do texto, se projeta a representação de uma atuação interativa e discursiva produzida em um evento comunicativo.

² Entende-se, aqui, como representação, a imagem subjetiva de um dado objeto, carregada de emoções e experiências individuais (Cf. Frege, 1978).

A fim de flagrar a construção do *ethos* feminino da presidente Dilma Rousseff, na materialidade linguística, selecionei diferentes situações de interação no programa “Mais Você”, em 1º de março de 2011.

A fundamentação contempla reflexões teóricas que permitem pensar no discurso como interação, ação e atividade, levando em consideração os estudos de linha enunciativa e discursiva (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 1990; 2000); os operadores argumentativos (DUCROT, 1977); as propriedades concernentes ao contexto de ação em que atuam os sujeitos discursivos na entrevista (CHARAUDEAU, 2006); (JUBRAN, 2000); nas operações metadiscursivas acentuando as marcas de interação entre entrevistado e entrevistador (RISSO, 1999; JUBRAN, 2000); os mecanismos enunciativos (BRONCKART, 2003) e, ainda, nas imagens projetadas da entrevistada. (AMOSSY, 2005).

1. A Presidente no Programa “Mais Você”

Em 2010, presenciamos um fato inédito no Brasil: uma mulher, Dilma Vana Rousseff, foi eleita Presidente da República. Diante desse acontecimento, os veículos de comunicação estabeleciam uma concorrência entre diferentes redes televisivas e impressas a fim de apresentar a história e o dia a dia dessa mulher.

Um dos programas televisivos que se destacou pela atividade de organização e de produção de sentido foi o “Mais Você”, exibido pela Rede Globo. Esse programa é direcionado, de modo geral, ao público feminino; o cenário lembra uma casa, a estrutura base gira em torno de dicas de culinária, artesanato, moda, artefatos do lar, dicas ligadas à saúde e à estética. Atualmente, segue um viés também jornalístico, centrado na entrevista. Então, além de deixar o telespectador “informado”, também problematiza certos acontecimentos. A marca registrada do “Mais Você” é a mensagem do dia, em que um determinado texto é narrado pela apresentadora, e, ainda, tem como objetivo principal alavancar a autoestima dos telespectadores.

Para ilustrar a estrutura do programa, observe o esquema abaixo:

“MAIS VOCÊ” DO DIA 1º DE MARÇO DE 2011

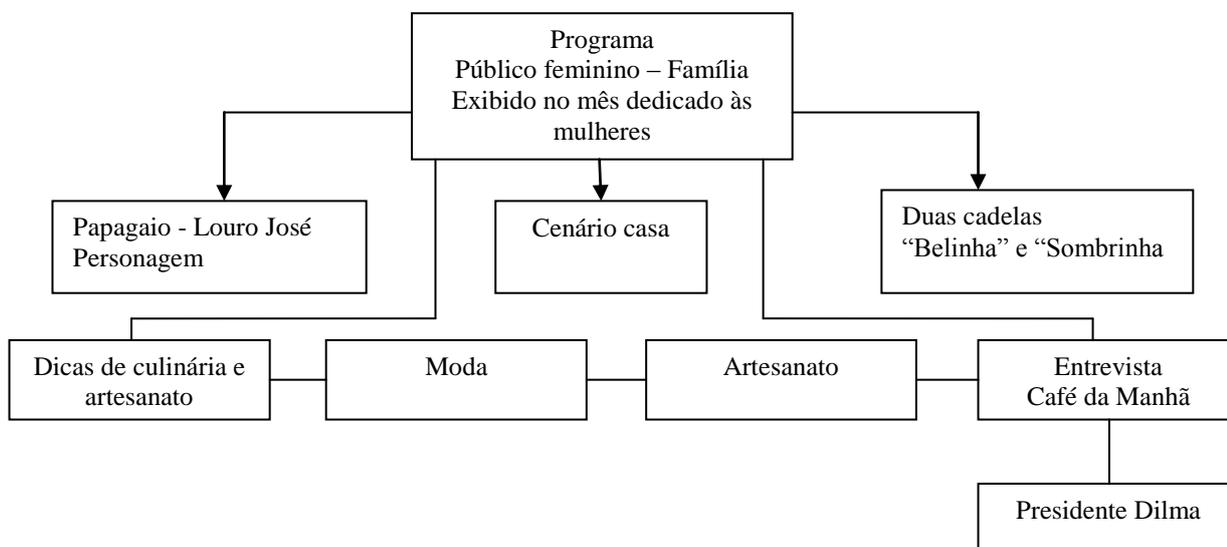


FIGURA 1 – Estrutura do programa “Mais Você”
Fonte: Elaborado pela autora.

Dentre as várias celebridades que já passaram pelo programa, destaca-se a visita da presidente. No dia 1º de março de 2011, Ana Maria Braga recebeu e entrevistou Dilma Rousseff no “Mais Você”, em homenagem ao mês da mulher. A presidente discorreu sobre sua rotina de trabalho nos primeiros meses de governo, sua relação com a família e o convívio com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Nos excertos apresentados e discutidos, logo abaixo, nota-se que essa entrevista está focalizada na esfera do gênero encontro marcado, organizado por uma equipe de televisão, no qual se incluem desde os encarregados da produção do programa até os cinegrafistas que registram a sequência de cenas. Toda essa organização é devidamente ancorada para sinalizar um determinado conteúdo temático em uma relação informal; o menor grau de formalidade para o maior alcance do produto final – quebrar um paradigma social imposto pelo sintagma nominal “duração”. Em seguida, retomam-se os ritos de interação do gênero entrevista, mas os valores efetivos relacionados ao campo político são mantidos à margem da linha de ação interacional. O que se percebe é a manutenção da face feminina da convidada. Ainda que seja inserido o formato pergunta e resposta, a figura da mulher tem prioridade na sequência discursiva.

Cabe ressaltar que, na perspectiva enunciativo-discursiva de Bakhtin/Volochinov (1990), o enunciado–matéria linguística e o contexto enunciativo – configuram-se na

interação social, o que lhe dá *status* de objeto dos estudos da linguagem (BARROS, 1999). Nessa perspectiva, abordar o enunciado, ou mais especificamente a enunciação, que faz da matéria linguística um enunciado, é abordar tanto a interação verbal quanto o contexto em que ela se produz.

Assim, baseando-se nessa concepção, entende-se que a atividade linguística presente na esfera midiática, na Rede Globo, no “Mais Você” e, ainda, no “Café da Manhã com Ana Maria Braga” configura-se como um tipo específico de entrevista televisiva, em um programa direcionado à mulher, dona de casa, extensivo à família. Há uma situação com ares de informalidade, pautada em um acordo de encontro descontraído entre a anfitriã e a convidada.

Segundo Charaudeau (2006), a entrevista, o bate-papo e a conversa são situações dialógicas em que há uma troca linguageira. Elas se distinguem, porém, no modo de regular a alternância nos turnos de fala.

Bate-papo	Conversa	Entrevista
Os dois parceiros têm igualdade de <i>status</i> ³ . Não há uma rigidez na alternância dos turnos.	Não exige nada particular quanto ao <i>status</i> dos participantes nem quanto ao tema tratado. É bem informal e não há uma preocupação com a regulação dos turnos.	Um dos parceiros é legitimado no papel de “questionador” e o outro num papel de “questionado-com-razões-para ser questionado”. A alternância da fala é regulada e controlada.

QUADRO 1 – Situações dialógicas

Fonte: Adaptado de CHARAUDEAU, 2006. p. 214.

Cabe destacar que essa classificação proposta por Charaudeau (2006) auxilia no entendimento do modo de organização de uma “situação dialógica”. No entanto, pensar em uma categorização tão sistemática é perder de vista o que cada domínio discursivo pode ativar em termos de ações que contribuem para uma produção de sentido, haja vista as condições de produção da entrevista em análise.

Entende-se, aqui, que a entrevista insere-se em uma concepção de pragmática de linguagem, como uma “atividade verbal entre os protagonistas de um ato comunicativo,

³ Termo tratado como competência. (CHARAUDEAU, 2006).

contextualizada no espaço, no tempo e no conjunto complexo de circunstâncias que movem as relações sociais entre os interlocutores” (RISSO; JUBRAN, 1998, p. 227). Dessa maneira, concebe-se que o enunciado e as condições enunciativas estão incorporados na ação verbal, o que “leva a ver os componentes enunciativos como introjetados no produto linguístico de um ato comunicativo – o texto” (RISSO; JUBRAN, 1998, p. 228).

Então, parece adequado pensar numa interação emoldurada e orientada pelo enunciado “*Dilma toma café com Ana e justifica fama de durona*”. Este é anunciado na proposta do quadro do programa e indicia que o evento comunicativo de interação verbal entre a entrevistadora e a entrevistada adota como ponto de partida um *ethos* pré-construído de “*fama de durona*” em torno da entrevistada.

Veja o exemplo:

AM⁴: *Algumas pessoas até já devem ter dito pra senhora que a senhora é vista assim como durona eu acho que pela sua história é... de vida de trabalho a senhora sempre foi muito estudiosa doutorada, mestrada trilhou uma carreira muito séria na área de economia:: gostando de matemática, né de estatística e que a vida na verdade a tratou de uma forma que a fez ser quem é, né.*

Observem que o pronome de tratamento “senhora” ressalta, nesse momento, a importância do sujeito que é entrevistado. Apesar de a entrevista ocorrer em um programa que abre espaço para o grau de informalidade, a entrevistada não é qualquer pessoa. A entrevistadora reconhece essa encenação e mantém o distanciamento por meio do discurso e do pronome de tratamento.

Instaura-se também uma polifonia, como estratégia para iniciar o tópico “fama de durona”, desencadeador da entrevista. Isso ocorre quando Ana Maria Braga transfere a responsabilidade do discurso do senso comum expresso, por exemplo, em “durona” para o sintagma nominal “algumas pessoas” e para a expressão “vista assim”.

“Algumas pessoas até já devem ter dito pra senhora que a senhora é vista assim como durona”.

A apresentadora justifica esse discurso de imagem negativa cristalizada, posicionando-se e justificando-se: “*eu acho que pela sua história é... de vida de trabalho*”.

⁴AM = Ana Maria Braga.

⁵ Os grifos são meus e ilustram as categorias destacadas ao longo das análises.

E, ainda, as modalidades epistêmicas encadeiam os enunciados de forma argumentativa “a senhora sempre foi muito estudiosa doutorada, mestrada trilhou uma carreira muito séria na área de economia:: gostando de matemática, né de estatística”, orientando o leitor à inferência: da fama de séria, de disciplinada, de compenetrada, à “durona”.

No final dessa parte da entrevista, a modalização apreciativa assume a conclusão da orientação argumentativa, responsabilizando metaforicamente a história de vida da Presidente pela construção da sua imagem cristalizada: “a vida na verdade a tratou de uma forma que a fez ser quem é, né.”.

E, na continuidade da entrevista:

AM: *Como é que a senhora vê agora as pessoas dizendo: não, mas ela não é assim. eu:eu:: eu posso dar meu testemunho e dizer a Dilma é muito é amiga ela é muito agradável, ela muito sorridente né, conhecendo ela mais de perto você percebe a figura humana que é, e como é. Então essa coisa de durona, eu nunca consegui enxergar eventualmente por vê-la de um outro jeito, né. Mas como é que a senhora tá lidando com isso? De dizer não ela é durona...como é que a senhora lida?*

DR⁶: *Olha Ana Maria, eu acho:: primeiro assim, eu sempre gostei além disso tudo, eu gostei de música, né, de música popular brasileira, de cinema, de sentar num barzinho, de conversar com as pessoas, né, como todo mundo.*

AM: *Uma pessoa normal.*

DR: *Pessoa normal.*

No fragmento acima, a entrevistadora faz referência ao que as pessoas dizem para situar a entrevistada ao que será anunciado. Para isso, utiliza o dêitico “agora”, justificando a tentativa de construção da imagem de hoje: “não, mas ela não é assim”. O primeiro advérbio “não” atua como um articulador metaformulativo sinalizando o apagamento do tópico “durona”. Em seguida, o operador argumentativo “mas” ratifica esse apagamento. E, ainda, o marcador discursivo “ela não é assim” opera como um articulador metaenunciativo, evidenciando uma propriedade de autorreflexão do que é dito sobre alguém, num viés persuasivo, dentro daquela instância de enunciação.

Notem que a apresentadora se afasta do perfil de entrevistadora e se expõe, aproximando-se intimamente da entrevistada. Nesse instante, assertivamente, a entrevistadora legitima o que será dito “eu posso dar meu testemunho e dizer”. Inicia-se, assim, um processo

⁶DR = Dilma Rousseff

de ação sobre aquela cena; ‘a entrevista’ é dotada de uma intencionalidade: qualificar positivamente a presidente do Brasil e orientar o interlocutor a um determinado sentido.

Os adjetivos axiológicos “amiga”, “agradável”, “sorridente” e “humana” desconstruem o sintagma “dura”.

Depois das qualificações, Ana Maria Braga retoma o seu papel de entrevistadora e revela sua atitude perante o enunciado por meio do modalizador “mas”, questionando: “*como é que a senhora tá lidando com isso*”; e, ainda, através da modalização da força ilocucionária, e repara a questão: “*De dizer não ela é dura... como é que a senhora lida...?*”.

Cumprindo a encenação, a entrevistada reconhece a presença do outro: “*Olha Ana Maria, eu acho:*”–; e focaliza a sua atenção, de maneira a guiar a interpretação. Para isso, ela reafirma a “sua normalidade” por meio de ações corriqueiras, legitimando-se como alguém igual a “*todo mundo*”.

2. Posicionamento enunciativo e polifonia: interação e preparação para a construção de um *ethos*

Sob uma perspectiva de cunho sociointeracionista discursiva, observa-se que os posicionamentos enunciativos e as diferentes vozes que perpassam os discursos atuam com uma orientação para a construção de um determinado *ethos* da entrevistada.

As escolhas lexicais sublinhadas a seguir operam em uma progressão de posicionamento entre mídia (Rede Globo), representada pelo programa “Mais Você” e por Ana Maria Braga (agente produtora do discurso). Ambas se assumem enquanto instituição televisiva e apresentadora, em relação ao que é enunciado: “*Eu tenho hoje o privilégio de receber pela primeira vez num programa matinal que fala pra família...*; e recebido: *a dirigente má::xima do país*”.

Ana Maria Braga ressalta ao telespectador (interlocutor) o evento inédito na televisão brasileira, na programação do “Mais Você” e no seu trabalho como apresentadora:

AM: *O dia de hoje é um ma::rco da televisão brasileira, na história da Rede Globo e na mii:nha história.*

AM: *Nós estamos acostumados a ver a presidente ou presidenta (...)Mas nunca antes assim aqui na nossa casa...*

Notem, além disso, que *as expressões dêiticas* contextualizam e marcam a situação de enunciação interativa ‘encontro com a presidente Dilma no contexto X’, rompendo com a estrutura tradicional de uma entrevista com um chefe de Estado.

AM: O dia de hoje é um marco da televisão brasileira, na história da Rede Globo e na minha história. Eu tenho hoje o privilégio de receber pela primeira vez num programa matinal que fala pra família... a dirigente máxima do país a presidente da República Dilma Roussef. Nós estamos acostumados a ver a presidente ou presidenta, eu vou até perguntar pra ela o porquê a preferência da presidenta e os presidentes que a antecederam, nos telejornais nos programas de entrevistas nos debates. Mas nunca antes assim aqui na nossa casa falando com você que me acompanha diariamente.

Vale destacar que a própria entrevistadora informa que a entrevistada é vista habitualmente em programas de entrevistas e debates, mas em um programa com o formato do “Mais Você” era a primeira vez. Rompe-se, então, o contrato “formal” do gênero entrevista para se criar um evento que sugere um desvio do ritual ‘pergunta e resposta’ para ‘um bate-papo no café da manhã’.

A encenação, o discurso da apresentadora e os procedimentos linguísticos apontam para o tipo de relação interacional a ser efetivada pelas participantes do encontro. A abordagem sinaliza uma atividade metadiscursiva categorizada por Jubran (2000) como rompimento do contrato comunicacional no qual tradicionalmente é previsto um quadro típico de pergunta e resposta comandado por um entrevistador.

Os dados contextualizadores que co-constroem o produto verbal da entrevista, do ponto de vista da produção do programa, anunciam a presença da presidente para justificar sua fama de “durona”; não se vinculam diretamente neste encontro a questões mais amplas relacionadas à política ou às práticas de governo. E, do ponto de vista da enunciação realizada por Ana Maria Braga, a entrevista se configura como um encontro marcado com uma convidada muito especial, cuja recepção se dará em um ambiente análogo ao ambiente doméstico: “tenho o prazer de receber... a dirigente máxima do país...[...] a presidenta aceitou o nosso convite para vir conversar aqui no nosso café da manhã”.

Preuncia-se uma situação atípica; um chefe de Estado aceitando um convite para conversar e tomar um café da manhã, “*mesmo sendo mu:to disree::ta*”.

Os recursos linguísticos em destaque circundam um novo perfil da entrevistada que gradativamente vai sendo edificado junto aos interlocutores, tomando o lugar antes ocupado

apenas pela expressão sintagmática “*fama de durona*”. Referenciam-se nesta apresentação formas verbais prototípicas de atividades positivas realizadas pela presidente: *aceitou, vir, conversar*; elementos que corroboram para construir uma imagem positiva de um chefe de Estado democrata, figura receptiva, aberta ao diálogo com a família, aceitando conversar em um “*programa matinal que fala pra família*”, fato inédito na televisão brasileira: “*O dia de hoje é um marco da televisão brasileira, na história da Rede Globo e na minha história. Eu tenho hoje o privilégio de receber pela primeira vez...*”. Simultaneamente, os recursos linguísticos qualificam a relação comunicacional que o evento pretende estabelecer entre a presidente com fama de durona e o telespectador assíduo do programa – “*com você que me acompanha diariamente*”.

O segmento acima fornece também pistas de uma imagem da Locutora na apresentação do que vai ocorrer no quadro “Café da Manhã”. Ana Maria Braga, facilitadora da realização da entrevista, toma a palavra induzindo em seu discurso a uma reconstrução da imagem de Dilma Rousseff, antes com “*fama de durona*”, hoje, projetando-a como mais “*sensível*”.

3. A re(construção) de uma imagem feminina: De “durona” a “sensível”

Para construir uma imagem, não é necessário ao locutor traçar o seu autorretrato. O estilo próprio, suas competências linguísticas e suas crenças já são elementos que podem induzir a uma imagem que favorece a realização de seu projeto. (AMOSSY, 2005).

No excerto a seguir, é possível observar como o sujeito (Dilma) se constitui e se posiciona ao assumir uma nova posição: a de avó.

AM: *Você sente falta dessa coisa mais chega::da... assim?*

DR: *Ahh:: sinto... sinto sim, todo... acho que... qualquer pessoa... como eu disse eu sou normal. (...)Eu tenho uma vontade imensa de ver meu neto. Um das coisas que eu mais acho::é::acho... eu nunca entendi muito... quando as pessoas chegavam pra mim e falavam: ah:: eu agora tenho de ir lá, porque eu tenho de ficar com o meu neto. Agora, eu entendo perfeitamente::Eu quero ficar com o meu neto!*

AM: *É muito bom né?*

DR: *É muito bom.*

AM: *Faz toda diferença::nã, a gente olha naquele olhinho...*

DR: Ah... [incompreensível]...E a gente pode.. a gente não tem aque::la responsabilidade de educar, né? Então... tUdo pode. Pra mim tU::do pode. Se ele quiser que eu carregue, eu carrego. Se tiver de tirá da cama porque ele tá chorando, eu tiro. Num tenho a meno::r responsabilidade com aquela questão de ficar educando a criança, né?

AM: Pois:: é.

DR: Eu não dou muito maus conselhos, mas acredito que vou dar um sorvete para ele! (Risos)

AM: É, uma vó normal, é uma vó norrrmal como todas nós.

DR: É, uma vó... normal.

Verifica-se que os dêiticos – pronomes e verbos – preparam o leitor para a construção de uma imagem. E ela é concretizada com as expressões de caráter axiológico: “*Eu sou normal*”; “*Eu quero ficar com o meu neto*”.

No fragmento acima, o *ethos* construído de pessoa “normal” é ratificado ao longo do discurso por uma orientação argumentativa. A entrevistadora reitera a afirmativa “*é uma vó norrrmal*”, enfatizando a pronúncia de final de sílaba.

É nesse ponto que se destaca, num viés pragmático da linguagem, uma autorreflexividade discursiva (BORILLO, 1985). A autorreflexividade discursiva ganha maior fundamentação por meio de uma linha “metadiscursiva”, pois a expansão da noção de um discurso não está centrada somente no código, mas no código tomado em sentido amplo, remetendo tanto à estrutura da língua como sistema quanto à sua ativação em situação de comunicação.

Nessa perspectiva, pode-se observar que, quando a entrevistadora pergunta: “*Você sente falta dessa coisa mais chegada... assim?*”, leva-se em consideração que a entrevistada não é qualquer pessoa, mas, sim, uma autoridade. O contexto em grau de intimidade, dentro dessa situação enunciativa específica, permite a pergunta de caráter informal que se estende com a escolha do vocábulo “*coisa*” e da expressão “*mais chegada*”.

Pela resposta afirmativa da entrevistada: “*Ah! Sinto. Eu acho que qualquer pessoa... como eu disse eu sou normal.*”, percebe-se que ela não se abstém do posto de “*dirigente máxima do país...[...]*”. Entretanto, posiciona-se rapidamente como “*qualquer pessoa*”. Temos, então, uma presidente-avó ou uma avó-presidente, transitando num processo identitário entre a representação coletiva e a identidade subjetiva, em que se assume como avó normal do primeiro neto: “*Eu tenho uma vontade imEnsa de ver meu neto. Um das coisas que eu mais é:::acho... eu nunca entendia muito... quando as pessoas chegavam pra mim e*

falavam: ah:: eu agora tenho de ir lá, porque eu tenho de ficar com o meu neto. Agora, eu entendo perfeitamente::Eu quero ficar com o meu neto!”.

O processo comunicacional assim estruturado influencia o produto verbal de modo a se observar no texto formulado “pistas indicadoras das relações interpessoais que permeiam um evento comunicativo”. (JUBRAN, 2000, p. 97).

O metadiscurso, por inscrever o produto verbal na situação enunciativa que o instaura, estabelece-se como uma das evidências dessa integração entre enunciado e enunciação. Daí deriva a propriedade básica identificadora da metadiscursividade como uma autorreflexividade. É ela que explica o fato de o metadiscurso assumir o “estatuto polivalente de discurso e glosa sobre o discurso”. (RISSO, 2000).

Considerações finais

A análise dos fragmentos da entrevista concedida por Dilma Rousseff a Ana Maria Braga, no programa “Mais Você”, permite apreender que as ações de linguagem realizadas tanto pela entrevistadora quanto pela entrevistada forneceram pistas para flagrar os movimentos de projeção de imagens dos sujeitos discursivos.

Verifica-se, no exame dos efeitos das propriedades enunciativas e discursivas, que o sintagma “durona” vai sendo desconstruído no agenciamento dos recursos linguageiros, pois as características marcadas pelos adjetivos positivos conferidos a Dilma legitimam um determinado *ethos*.

Seguindo essa noção, acredita-se que os enunciados exerceram um poder sobre a interação, pois, de certo modo, definiram os tópicos e selecionaram os elementos que entraram na desconstrução do *ethos* prévio, buscando (re)construir um novo *ethos* a partir de um agir discursivo, em que são expostos papéis subjetivos exercidos pela presidente.

Noutros termos, assume-se, neste artigo, que as formas de agenciamento dos recursos linguageiros funcionaram como estratégias pelas quais o enunciador procurou persuadir o enunciatário da legitimidade de seu dizer. Assim, os procedimentos de discursivização e de organização do evento apontaram para diferentes modos de conferir sentido à entrevista

exibida. Além disso, a dinâmica na qual se estruturou a conversação entre a Chefe de Estado e a entrevistadora orientou o telespectador a uma imagem de “mulher sensível”.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Tradução C.R. Pfeiffer et al. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. *A estética da criação verbal*. Tradução M. E. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes. 2000. (Original de 1979).
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (Org.) *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 1-9.
- BORILLO, A. Discours ou Metadiscours? *DRLAV Revue de linguistique* (32). Paris: Centre de Recherche de l'Université de Paris VIII, p. 91-151, 1985.
- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de Linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. SP, Campinas: Mercado de Letras, 2003
- CHARAUDEAU, Patrick. *O discurso das mídias*. Tradução A. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.
- DUCROT, Oswald. *Princípios de Semântica linguística: dizer e não dizer*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- FREGÉ, Friedrich Ludwig Gottlob. Sobre o sentido e a referência. In: *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- <<http://maisvoce.globo.com/MaisVoce/0,,16967,00.html>>. Acesso em: 08 out. 2011.
- JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. A metadiscursividade como recurso textual-interativo em entrevista televisiva. In: BARROS, K. S. M. (org.). *Produção textual: interação, processamento, variação*. Natal: Editora da UFRN, 1999, p. 9-19.
- JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. Marcadores metadiscursivos em entrevista televisiva: funções textuais-interativas. *Estudos Linguísticos XXXI*. São Paulo, 1 CD, 2002.
- RISSO, Mercedes Sanfelice. A propriedade auto-reflexiva do metadiscorso. In: BARROS, K. S. M. (Org.). *Produção textual: interação, processamento, variação*. Natal: Editora da UFRN, 1999, p. 203-214.
- RISSO, Mercedes Sanfelice. A emergência da atividade discursiva no texto falado: sinalização metadiscursiva da busca da denominação. *Estudos Linguísticos XXIX*. Assis, p. 103-111, 2000.
- RISSO, Mercedes Sanfelice; JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. O discurso auto-reflexivo: processamento metadiscursivo do texto. *DELTA*, v.14, especial, p. 227-242, 1998.
- VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich (Mikhail Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1990, p. 110-127.

Artigo recebido em janeiro de 2014.
Artigo aceito em abril de 2014.